

GORZ, André. *Misères du present Richesse du possible*. Paris: Collection Débats/Galilée, 1997.

Eleonora Tinoco Beaugrand - UFRN

O que se instala ao nosso redor é uma utopia no sentido etimológico do termo: uma espécie de realidade real que se soma aos escombros de um mundo defunto, constrói um segundo mundo, dito virtual, sem tempo, nem lugar, nem espessura, nem resistência, no qual cada um está em todos os lugares ao mesmo tempo, portanto em lugar nenhum...

A tomar como bússola as recentes análises dos grandes teóricos, sobre as questões relativas à crise do emprego e às minguadas perspectivas do mercado de trabalho, não dá para nutrir grandes esperanças de melhores dias, nos próximos anos. No grupo dos que defendem a eutanásia dessa sociedade agonizante, estão estudiosos de vários países que, uníssonos, alertam para a ruptura com antigos valores, até então atrelados à importância do trabalho na vida dos indivíduos. Alguns desses autores têm tentado deixar como contribuição a necessidade urgente e inadiável de reconstrução de uma nova sociedade, na qual o trabalho não ocupe mais a centralidade na realização maior dos indivíduos. Será possível?

O último livro de André Gorz "***Misères du present Richesse du possible***" se destaca como uma das publicações mais comentadas, ultimamente, na França, embora deixe como legado essa sensação de resignação e melancolia no leitor. E o que é ainda pior, o amargo gosto da constatação de que não há muito a ser feito face à *vague deferlante* que vem devastando os pilares de sustentação do mundo do trabalho. Mas o mérito do livro está nesse compromisso que assume o autor em repensar as políticas, não mais sob o prisma reparador, mas principalmente como um antídoto ao sistema capitalista e sua compulsão por lucros rápidos, em detrimento de mais crescimento para a economia, como um todo. Nesse sentido, Gorz analisa a sociedade do trabalho a partir de dois enfoques principais: 1) um diagnóstico real do trabalho assalariado e sua eminente condenação

nas formas clássicas conhecidas; 2) a metamorfose desse mundo do trabalho "em vias de decomposição", para um outro tipo de sociedade, ainda possível. Assim, destina três dos quatro capítulos para descrição dos aspectos principais da sociedade, cujo trabalho era o protagonista e ator principal, e deixa uma janela entreaberta no 4º e último capítulo, para a necessidade – inevitável e inadiável – de se romper com o trabalho assalariado, e dar a ele uma outra posição na hierarquia dos novos parâmetros de realizações.

Nessa inusitada investida, Gorz recupera e reforça as teses de autores como Bernard Perret em *L'avenir du travail*, Paris, Le Seuil, 1995 e Jeremy Rifkin, *The end of work*, New York, GP, Putnam'Sons, 1995, Alain Lipietz, *La société en sablier*, Paris, Gallimard, collection "La Découverte", 1996, que mostram o desencantamento do trabalho e a perda significativa da sua importância no centro da sociedade capitalista. Essa afirmação, baseada em pesquisas recentes realizadas em países europeus e nos Estados Unidos, dá eco ao canto terminal da sereia, sonoplastia do espetáculo onde o trabalho abdicou do seu posto de estandarte, aguardando atônito as surpresas do próximo ato. Nesse cenário de poucas esperanças, muitos são os coadjuvantes que se destacam: o êxodo do capital, o fim do nacionalismo econômico, a crise de governabilidade, que juntos abasteceram a reformulação do enredo desse triste espetáculo. É notório que nesses últimos 25 anos, na maioria dos países, nenhuma política de geração de empregos avaliou as conseqüências do advento tec-

nológico, de forma que a retração do volume do trabalho foi muito maior que todos os novos empregos criados com o surgimento de novos setores. A partir de então, o espetáculo que se apresenta é impregnado desse cunho caótico que tomou conta de grande parte da literatura que trata das transformações do mundo do trabalho.

Esse pessimismo de Gorz traduz muito mais a constatação de que diante da inversão de valores existiu de fato um agravante principal. Ou seja, um atraso da política no que concerne à manutenção dos direitos econômicos (salário), dos direitos sociais (previdência social) e direitos políticos (representação, organização). Acreditando que as mudanças do sistema produtivo e a inserção de outras variáveis faziam parte do processo de transição e adaptação, muitos governantes não avaliaram o desemprego crescente como sendo não apenas irreversível mas de proporções insustentáveis, a médio prazo. O receituário alopatóico de combate contra as implicações da metamorfose do trabalho nesse final de século tem que agir em outras bases e levar em consideração o pressuposto equivocado de que a sociedade ainda insiste em tratar o problema dentro de uma crise, que, segundo o autor, não existe. Na verdade, um novo sistema está sendo instalado e está destruindo o trabalho nas suas formas tradicionais e conhecidas. Numa constatação mais pessimista que realista e recuperando análises de autores que trabalham as transformações do mundo do trabalho, sob a égide de uma tendência a novas formas de sociabilidade e cooperação, ele compara a sociedade assalariada à longínqua Kerala (comunidade da Índia, com um dos PIBs mais baixos do mundo, ainda que apresentando uma qualidade de vida superior a muitos países mais ricos). Aí, os indivíduos vivem segundo uma lógica que a história deixou adormecida no século passado e onde a solidariedade na partilha da miséria é a única forma de sobrevivência. Mas essa é uma outra questão.

Com a desmaterialização gradativa do trabalho e o fortalecimento de setores do emprego virtual, a tese do Gorz parte de pressuposto de que a inteligência e a imaginação constituem as principais forças produtivas. O que não significa necessariamente que a sociedade informacional terá capacidade de incorporar desempregados numa proporção satisfatória. Embora se observe um crescimento considerável na

oferta de empregos, nos setores ligados à informática, automação e roborização, eles não serão suficientes para responder à demanda dos que estão em busca de trabalho. As diferentes fórmulas propostas de redução da jornada do trabalho, tais como *zero hour contract*, ou a semana de 35 horas, ou ainda o trabalho parcial e interino, não atenderam às expectativas e nem foram capazes de repartir com os desempregados as horas liberadas. Isso porque, na maioria dos países, não se levou em conta o volume de trabalho dos assalariados e a proporção dos empregos permanentes e estáveis, fonte principal de abastecimento, através das cotizações e encargos sociais, recuperados pelos empregos formais.

O fio de esperança que o autor deixa ao melancólico leitor vem da concepção planetária que a sociedade terá que incorporar e pensar o mundo de uma forma uniformizada, intercalada. Para partilhar as dificuldades é portanto imprescindível que se tenha adotado a idéia de incondicionalidade, que deverá “garantir incondicionalmente” a todos uma alocação universal. Essa incondicionalidade diz primeiramente respeito a uma renda de base suficiente, em contrapartida a um serviço civil obrigatório, inclusive do tipo do *workfare* americano. E destaca as perspectivas oriundas do chamado terceiro setor, que como Offe e Rifkin deverá atrair os excluídos dos postos de trabalho extintos da economia. O terceiro setor deverá, portanto, concentrar atividades diversas tais como atividades benevolentes de cuidados diversos, serviços de utilidade geral, educação. A lista dessas ocupações deverá se estender, ainda, às atividades artísticas, culturais, religiosas e esportivas, no sentido de estabelecer redes de solidariedade. Mas para tanto será preciso reciclar a humanidade, *toute intière*, para que ela se sensibilize quanto à necessidade de reinventar novas formas de sociabilidade para melhor coabitar em entre si.

A abolição massiva do trabalho através da desestandardização, desmassificação pós-fordista, da desestatização e da desburocratização da proteção social inverteu as regras e se voltou contra o próprio homem condenando-o a se submeter às condições de vida semelhantes às do final do século XVIII.

Na luta por um trabalho a qualquer custo, essa tem sido a saída mais próxima. O sonho das mudanças ficará para o próximo século. E quem sabe Gorz terá tido razão.